

E X P O S I Ç Ã O

Um desencontro marcado em Milão

A mostra se chama Sincronia e reúne brasileiros e italianos.

Mas lhe falta exatamente a harmonia de motivações e experimentos que justifique o título e a reunião

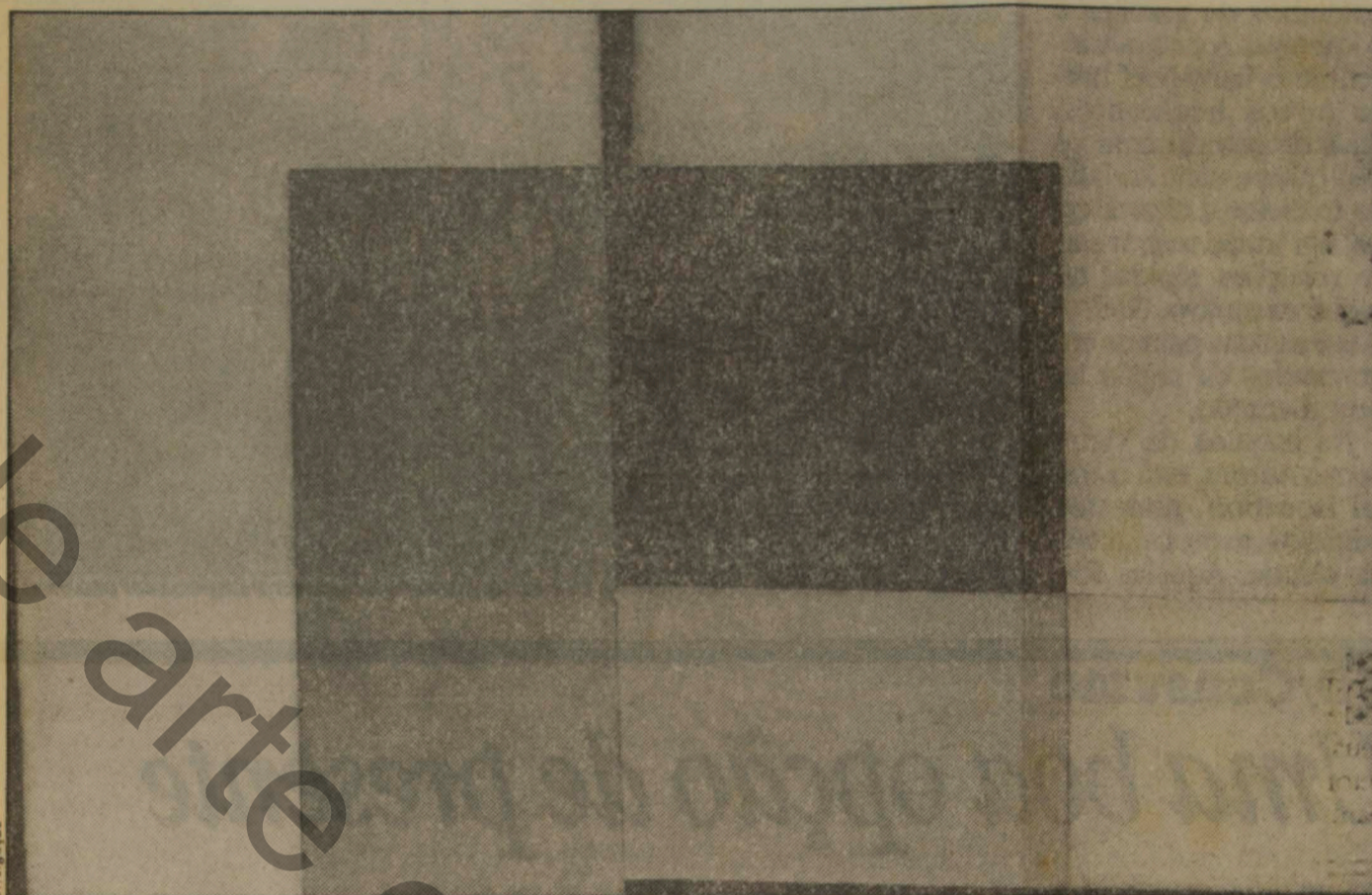
Olívio Tavares de Araújo
Especial para o Estado

O motor desta exposição é o marchand italiano Salvatore Cinque, baseado em Salerno, com conexões em Milão. Sua idéia original era reunir artistas italianos e artistas brasileiros oriundi, para mostrá-los juntos aqui e na Itália. O projeto incluía até Volpi (italiano de nascimento), numa homenagem póstuma. Mas os fatos impuseram outros rumos, e dois brasileiros não oriundi completaram o conjunto. Cinque obteve o patrocínio da Embaixada da Itália e mais um catálogo de 192 páginas em cores de fazer inveja a qualquer retrospectiva de grande mestre.

Seria ingênuo dizer que se trata de uma iniciativa essencialmente cultural. É uma iniciativa mercadológica — o que não quer dizer ilegítima. Cada vez mais o mercado dita regras no sistema da arte e interfere, portanto, com os produtos e destinos da cultura. A questão única que cabe discutir é a qualidade final do resultado. O título da mostra, Sincronias, muito amplo, tergiversa e induz a erro. Não há sincronia — nem de tempo nem de linguagem — entre os brasileiros e os italianos, assim como não há sequer entre os próprios italianos.

A curadoria brasileira (Alberto Beuttenmüller) foi coerente e cuidadosa. Estribou-se em nomes consagrados, dentro de uma tendência definida: a abstração geométrica, o construtivismo. O único artista brasileiro que ainda não faz parte dessa história é Aldir Mendes de Souza, 49 anos, um pintor obstinado que decidiu consciente e pragmaticamente por sua inserção nessa família e revela inegáveis dotes de colorista. Os demais são Hércules Barsotti (1914), Arcangelo Ianelli (1922), Luiz Sacilotto (1924) e Maurício Nogueira Lima (1930), todos participantes, nas décadas dos 50 e 60, de movimentos fundamentais na definição da abstração, inclusive o concretismo e o neoconcretismo.

Uma lição fica ostensivamente clara, diante da produção atual desses quatro veteranos: dentro do construtivismo, tanto mais acertada é a obra quanto maior o controle econômico de meios. Só Barsotti e Ianelli, na verdade, estão plenamente conscientes disso. Barsotti impõe sua sabedoria absoluta: uma simples fimbria de cor distinta da do fundo torna seus recortes



A alquimia delicada de Arcangelo Ianelli em Formas Rompidas de Tempera, momento forte da exposição

geométricos (um pentágono, um triângulo, um quadrado) tão vitais e plenos de energia quanto qualquer pintura selvagem de um Jorge Guinle, por exemplo. Claro que são tipos opostos de proposta, de vitalidade, de estímulo — mas ambos existem e se impõem, cada um na sua. Ianelli, igualmente, continua acertando em sua alquimia delicada de emoção e razão, sensibilidade pura e projeto; é um mestre das texturas e coloridos, dentro de composições extremamente despojadas.

O mesmo não se pode dizer nem de Sacilotto nem de Nogueira Lima. O primeiro foi certamente um dos mais interessantes pintores do concretismo e chegou na década de 70, a seu ponto alto, em obras em preto-e-branco, com semicírculos que ficavam no limite (no lado ainda saudável) da optical art. Mas Sacilotto, hoje, está hesitante entre o jogo ótico e a construção e não dosa perfeitamente as duas vertentes. Nogueira Lima me parece mais perdido. Não há lógica interna em suas composições, a tentativa de introdução de texturas (todos, afinal, resolveram aprender com Volpi) briga com a estrutura, e as cores gritam (que diferença de Barsotti, cujo colorido, entre tanto, também é incisivo). Um dos quadros de Nogueira Lima — o da faixa

verde que invade o contorno branco — indica um mal-entendido quanto à natureza de sua linguagem.

Dos italianos, há pouco que falar. Mesmo as abstrações de um artista badalado internacionalmente, como Antônio Corpora (nascido em 1909), tendem hoje a parecer boas estamparias. Guido Strazza (1922) talvez queira ser decorativo, mas não atende às exigências de gostos apurados. Gianni Asbrubali (1955) fica num semigestualismo incipiente, e Cláudio Verna (1937) quebra a cara sem apelação numa obra vermelha — a mais indigente de toda a mostra. Salva-se, discretamente, Anibel Cunoldi (1950). Com isso, é mais que certo que os brasileiros farão bonito, quando a exposição circular por Salerno, Nápoles, Roma e Milão.

SERVIÇO

Sincronias —
Exposição com 30 obras
de cinco artistas
brasileiros e cinco
italianos adeptos do
geometrismo. De terça a

sexta-feira das 13 horas
às 17 horas e sábado e
domingo das 14 horas às
18 horas no Masp. Av.
Paulista, 1.578. Tel. 251-
5644